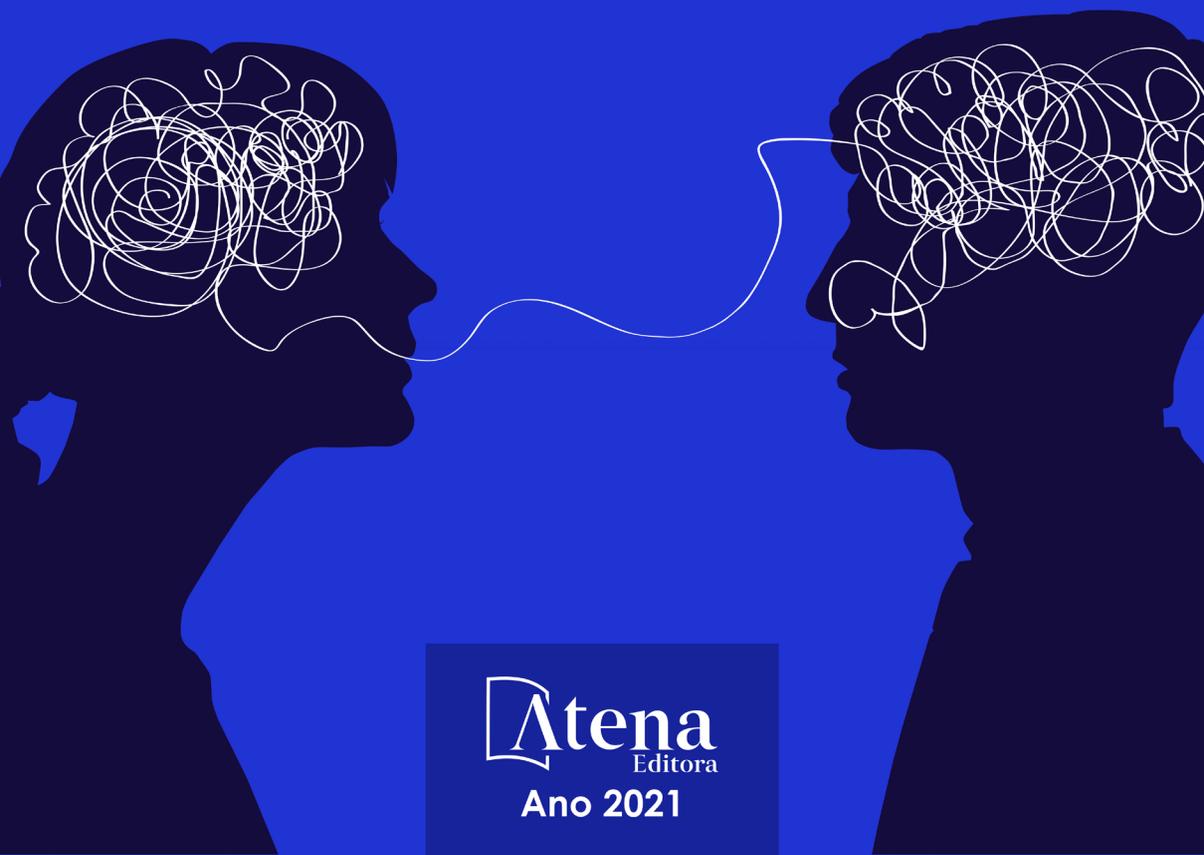


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)

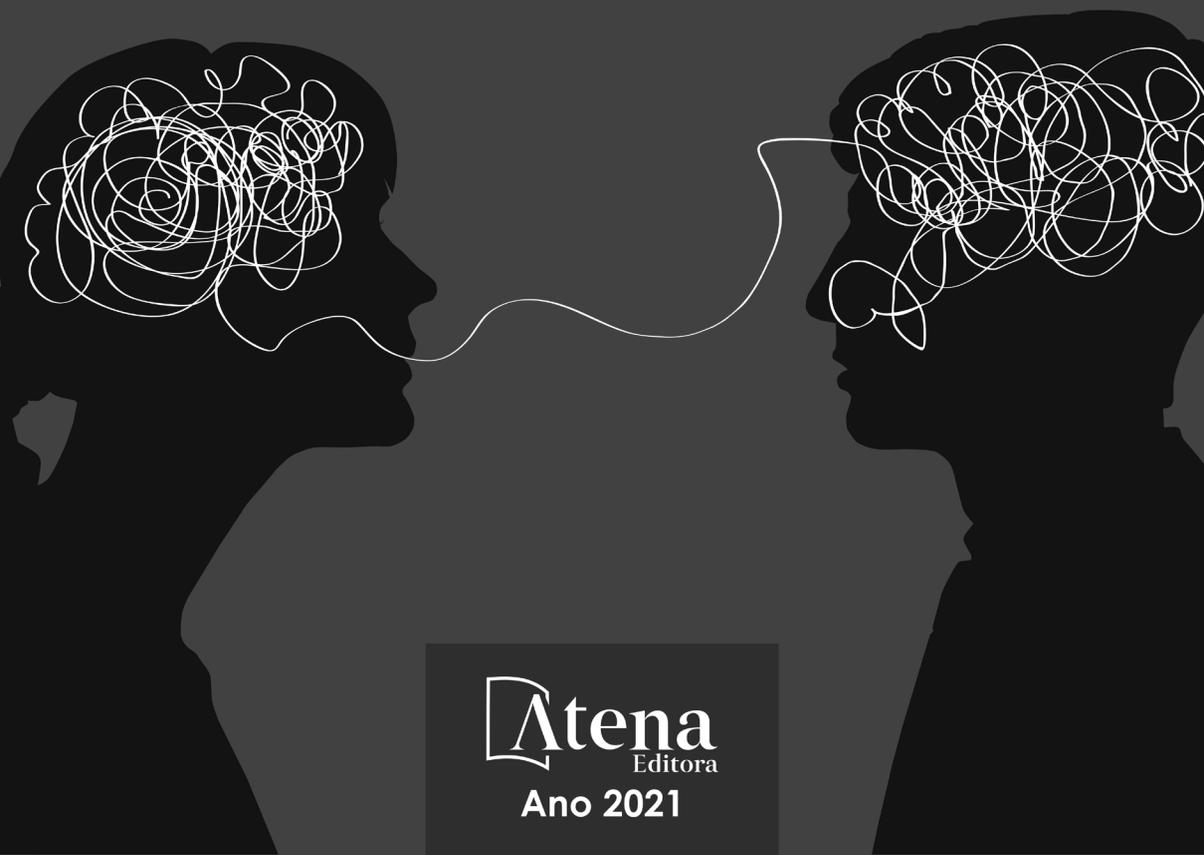


Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2021

Editora ChefeProf^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^a Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^ª Dr^ª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof^ª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Prof^ª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof^ª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof^ª Dr^ª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Prof^ª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof^ª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof^ª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof^ª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof^ª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3 /
Organizadoras Fernanda Tonelli, Lilian de Souza. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-946-2

DOI 10.22533/at.ed.462213003

1. Linguística. 2. Arte. 3. Literatura. 4. Educação. I.
Tonelli, Fernanda (Organizadora). II. Souza, Lilian de
(Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Esta obra concentra discussões sobre práticas e saberes pertencentes às áreas de Arte, de Literatura e de Educação. É composta de vinte e seis capítulos, com discussões (sendo muitas delas interdisciplinares) que perpassam diferentes linguagens do campo artístico, tais como literatura, cinema, música, pintura, performance, quadrinhos, entre outras. A diversidade também está inscrita nas temáticas abordadas por suas autoras e seus autores, que alinham com maestria questões relacionadas à educação, à sociedade e ao sujeito, ao mesmo tempo em que olham para elementos constitutivos da própria linguagem artística.

As discussões suscitadas nesta obra contemplam aspectos de ordem individual e coletiva e nos convidam a refletir sobre o papel da arte e da literatura como proposição, representação e resistência. Diante do quadro de pandemia que nos assola, nos enche de alento ver que arte e literatura continuam a denunciar problemas sociais, como nas discussões aqui apresentadas sobre política, a tríade racismo, machismo e patriarcado e a (des)construção das identidades, o papel dos (anti)monumentos, os embates entre tradição e modernidade e a crítica cultural.

Outrossim, os capítulos que seguem nos mostram ações possíveis ao tratar de ativismo, da presença de cotistas negros na formação docente, do combate à ansiedade na performance musical e da criação de Instaurações Cênicas para o desenvolvimento da saúde mental no período de pandemia. São temáticas tratadas tanto no âmbito educacional quanto vivenciadas no entorno social e que urgem por serem invisibilizadas em uma sociedade cujo silêncio conveniente está disseminado.

Por isso, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos.

Assim, este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em construir coletivamente esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

SUMÁRIO

DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE

CAPÍTULO 1..... 1

JAZZ, UM ESTRANHO NO NINHO DO SAMBA? (BRASIL, ANOS 1910-1960)

Adalberto Paranhos

DOI 10.22533/at.ed.4622130031

CAPÍTULO 2..... 17

MUSICOLOGIA, RACIALIZAÇÃO E RENATO ALMEIDA

Jonatha Maximiliano do Carmo

DOI 10.22533/at.ed.4622130032

CAPÍTULO 3..... 25

O MELODRAMA E A METAFICÇÃO NA NARRATIVA FÍLMICA *A ROSA PÚRPURA DO CAIRO* (1985), DE WOODY ALLEN

Mariana Alice de Souza Miranda

DOI 10.22533/at.ed.4622130033

CAPÍTULO 4..... 44

DAS TRIPAS CORAÇÃO: UM GOZO SUPLEMENTAR

Elisangela Miras

DOI 10.22533/at.ed.4622130034

CAPÍTULO 5..... 50

ARTE E IDEOLOGIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO: O JAZIGO-CAPELA DE JOAQUIM NABUCO EM FOCO

Davi Kiermes Tavares

José Paulo Seifert Brahm

Diego Lemos Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.4622130035

CAPÍTULO 6..... 66

AS ORIGENS DO *SMASH*: O PODER DAS ILUSTRAÇÕES QUE DÃO VIDA AO INCRÍVEL HULK

Alyssa Carolina Barbosa Marques Gedo

DOI 10.22533/at.ed.4622130036

CAPÍTULO 7..... 78

A FIGURAÇÃO DO GROTESCO EM FRANCISCO DE GOYA

Marianna Bernartt Silva

Jorge Antonio Berndt

Valdeci Batista de Melo Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.4622130037

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 91 |
| “MEU NOME É_” - VIDEOINSTALAÇÃO, PERFORMANCE E ESCRITA SOBRE O CORPO EM TRÂNSITO NA CIDADE DE SÃO PAULO | |
| Talita Caselato | |
| DOI 10.22533/at.ed.4622130038 | |
| CAPÍTULO 9 | 101 |
| A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA | |
| Wilma Lima Maciel | |
| DOI 10.22533/at.ed.4622130039 | |
| FACES DA LITERATURA | |
| CAPÍTULO 10 | 116 |
| TEMPORALIDADE COMO PROBLEMA HISTÓRICO EM <i>A MONTANHA MÁGICA</i> , DE THOMAS MANN | |
| Gong Li Cheng | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300310 | |
| CAPÍTULO 11 | 133 |
| O LUGAR DA TRADIÇÃO EM UNGULANI BA KA KHOSA | |
| Carina Marques Duarte | |
| Renata Domingos Opimi | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300311 | |
| CAPÍTULO 12 | 142 |
| AS TRÊS IRMÃS, DE MIA COUTO: ANÁLISE LITERÁRIA | |
| Wagner Lopes da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300312 | |
| CAPÍTULO 13 | 154 |
| ENTRE O CONTINGENTE E O TRANSCENDENTE: UM BREVE ESTUDO DAS OBRAS <i>APARIÇÃO E ALEGRIA BREVE</i> , DE VERGÍLIO FERREIRA | |
| Maria José Pinto de Carvalho | |
| Daniele dos Santos Rosa | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300313 | |
| CAPÍTULO 14 | 173 |
| O GUARANI – UM OLHAR PARA O PASSADO PARA A COMPREENSÃO DO PRESENTE | |
| Monique Berwanger | |
| Maristella Letícia Selli | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300314 | |
| CAPÍTULO 15 | 185 |
| A IRONIA E O SUICÍDIO COMO FIGURAS DE LINGUAGEM NA LITERATURA E NA POÉTICA DE ANA CRISTINA CESAR | |
| André Luís de Araújo | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300315 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 16..... | 201 |
| O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NEGRA NAS PERSONAGENS PECOLA DE “O OLHO MAIS AZUL” E IFEMELU EM “AMERICANAH” | |
| Bianca de Carvalho Lopes Barros | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300316 | |
| CAPÍTULO 17..... | 208 |
| A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NA OBRA “A DIVORCIADA”, DE FRANCISCA CLOTILDE | |
| Erika Maria Albuquerque Sousa | |
| Solange Santana Guimarães Morais | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300317 | |
| CAPÍTULO 18..... | 215 |
| O JOGO FICCIONAL E A CONSTRUÇÃO DA CULPA EM <i>O ALIENISTA</i> E <i>A HORA DA ESTRELA</i> | |
| Angeli Rose do Nascimento | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300318 | |
| EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA | |
| CAPÍTULO 19..... | 229 |
| A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA COMO FORMA DE MANTER A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA | |
| Wilma Lima Maciel | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300319 | |
| CAPÍTULO 20..... | 240 |
| A ARTE COMO FORMA DE EXISTIR, RESISTIR E REEXISTIR | |
| Lucas Bezerra Furtado | |
| Nara Graça Salles | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300320 | |
| CAPÍTULO 21..... | 247 |
| PSICOLOGIA DA PERFORMANCE – CONTRIBUTOS PARA A SUA INTRODUÇÃO NO CURRÍCULO DO ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO DE MÚSICA EM PORTUGAL | |
| Catarina de Andrade Silva | |
| Helena Maria da Silva Santana | |
| Anabela Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300321 | |
| CAPÍTULO 22..... | 261 |
| RACISMO NA MÚSICA: UMA PESQUISA SOBRE O RACISMO NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE COTISTAS NEGROS EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA | |
| Luiz Carlos Vieira Junior | |
| Rayssa Karoline Rodrigues Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300322 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 23 | 272 |
| IDENTIDADES SOCIAIS FEMININAS EM LETRAS DE FUNK: FRAGMENTAÇÃO E NATURALIZAÇÃO | |
| Francisca Cordelia Oliveira da Silva | |
| Milena Fernandes da Rocha | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300323 | |
| CAPÍTULO 24 | 291 |
| MATERIAIS EDUCATIVOS E O CONTEXTO PANDÊMICO | |
| Renan Silva do Espirito Santo | |
| Ursula Rosa da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300324 | |
| CAPÍTULO 25 | 296 |
| MEMÓRIAS, APAGAMENTOS E RESISTÊNCIAS: COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS | |
| Maria Giovanna Walerko Moreira | |
| Felipe Bernardes Caldas | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300325 | |
| CAPÍTULO 26 | 300 |
| UMA COLCHA PARA O LEITO DOS AUSENTES: MONUMENTOS DE PANO COBREM AS PEDRAS DA CAPITAL AMERICANA | |
| Victor Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.46221300326 | |
| SOBRE AS ORGANIZADORAS | 311 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 312 |

TEMPORALIDADE COMO PROBLEMA HISTÓRICO EM *A MONTANHA MÁGICA*, DE THOMAS MANN

Data de aceite: 30/03/2021

Data de submissão: 11/01/2021

Gong Li Cheng

Mestranda no PPG em Estudos de Linguagens
UFMS
Campo Grande/MS
<http://lattes.cnpq.br/8851174635398190>

RESUMO: Este artigo propõe uma análise crítico-histórica da representação do tempo em *A montanha mágica* (1924), de Thomas Mann. Embasado por uma crítica cultural de cunho materialista, pretende, a partir da interpretação histórica do início do século XX empreendida por Arno J. Mayer (1987), que por sua vez é retomado nas teses de Fredric Jameson (2005a; 2011b), demonstrar como a temática do tempo no romance reflete sobre as contradições da modernidade europeia. Consoante os postulados fenomenológicos de Benedito Nunes (2013) e Paul Ricoeur (2010) analisamos também como o tempo se configura estruturalmente no romance. **PALAVRAS-CHAVE:** Crítica cultural materialista; temporalidade; *A montanha mágica*.

TEMPORALITY AS A HISTORICAL PROBLEM IN THOMAS MANN'S *THE MAGIC MOUNTAIN*

ABSTRACT: This paper proposes a critical-historical analysis of the representation of time in Thomas Mann's *The magic mountain* (1924). Based on a cultural critique of a materialism

nature, it intends, starting from the historical interpretation of the beginning of the 20th century undertaken by Arno J. Mayer (1987), which in turn is taken up in the theses of Fredric Jameson (2005a; 2011b), to demonstrate how the theme of time in the novel reflects on the contradictions of European modernity. According to the phenomenological postulates of Benedito Nunes (2013) and Paul Ricoeur (2010) we also analyze how time is structurally configured in the novel.

KEYWORDS: Materialist cultural criticism; temporality; *The magic mountain*.

1 | NÃO É PROPRIAMENTE AO TEMPO QUE A HISTÓRIA DEVE O SEU GRAU DE ANTIGUIDADE

Ao estabelecer o diferencial da crítica cultural materialista, Maria Elisa Cevasco (2013, p. 16) observa que “para ela [a tradição materialista], a cultura concretiza relações sócio-históricas e o trabalho da crítica é examinar os modos como a arte descreve e interpreta essas relações”. Neste trabalho, pretendemos desenvolver a tese defendida pelo teórico norte-americano, Fredric Jameson, em seus ensaios *O fim da temporalidade* (2011) e em *Modernidade singular* (2005). Para o crítico norte-americano, a ênfase no problema da representação do tempo em romances de autores como James Joyce, Marcel Proust, Virginia Woolf e Thomas Mann, no início do século XX, resulta das contradições do próprio processo de modernização, pois “[...] o modernismo deve ser apreendido como uma

cultura da modernização incompleta e liga essa situação à proposição sobre a dominante temporal do modernismo” (2011b, p. 191).

Para compreender melhor esta assertiva, cabe mencionar a análise empreendida por Arno J. Mayer na obra *A força da tradição: a persistência do antigo regime* (1987), na qual se demonstra como a prevalência das nobiliarquias agrárias entre 1848 e 1914 e, por conseguinte, todo seu arcabouço de valores morais, políticos e culturais, influenciaram no deflagrar da Primeira Guerra Mundial (1914–1918). Conforme Mayer, “embora perdendo terreno para as forças do capitalismo industrial, as forças da antiga ordem ainda estavam suficientemente dispostas e poderosas para resistir e retardar o curso da história, se necessário recorrendo à violência” (MAYER, 1987, p. 14).

Essa cisão entre a economia agrária e a industrialização da Europa ocorreu de maneira desigual, visto que o prestígio cultural das nobiliarquias fez com que os pré-burgueses assimilassem seu *modus vivendi*, em descompasso com a ideologia liberal e o progresso técnico. No campo cultural, os escritores e intelectuais da alta modernidade, imbuídos destas contradições, expressam ora os valores da modernidade técnica (tempo do progresso), ora os da “alta cultura” do Antigo Regime, bem como os resquícios da vida camponesa, cuja fruição automaticamente pressupunha uma percepção do tempo vinculada à tradição, ao peso do passado sobre o presente. Logo, em fins do século XIX e início do XX, é perceptível nas artes uma contradição fundamental entre a exaltação do progresso tecnológico e uma ojeriza ao racionalismo exacerbado, entre outros desdobramentos. Em razão disso é que a pesquisadora e professora brasileira Eloá Heise afirma:

Exatamente esse momento de transição e ruptura entre as tradições do século XIX e o mundo fragmentário do século XX é um dos temas constantes da literatura modernista e, em especial, de Thomas Mann. Várias obras do autor têm como núcleo temático a difícil aventura do artista moderno, entre o clássico e o romântico, entre o burguês e o artista, entre o mundo arcaico do século XIX e o mundo moderno do século XX (1990, p. 241).

O núcleo temático apontado pela autora está presente especialmente no romance *A montanha mágica*, publicado em 1924, e desde suas primeiras páginas, no subcapítulo intitulado “Propósito”, o narrador expõe o caráter quase paradoxal de antiguidade de sua obra:

Acontece, porém, com a história o que hoje também acontece com os homens, e entre eles, não em último lugar, com os narradores de histórias: *ela é muito mais velha que seus anos; sua vetustez não pode ser medida por dias, nem o tempo que sobre ela pesa, por revoluções em torno do sol. Numa palavra, não é propriamente ao tempo que a história deve o seu grau de antiguidade* — e o que se pretende com essa observação feita de passagem é aludir e remeter ao caráter problemático e à peculiar duplicidade desse elemento misterioso [...] ela [a narrativa] se desenrolou numa época transata, outrora, nos velhos tempos, naquele mundo de antes da Grande Guerra, cujo deflagrar marcou o começo de tantas coisas que ainda mal deixaram de começar (MANN, 2016,

Diferentemente dos realistas do século XIX, os modernistas não estavam preocupados com a mensuração objetivo-cronológica do tempo. O enunciado acima alude ao “mundo arcaico” que resistia às transformações sócio-econômicas e culturais reforçadas pela Primeira Guerra Mundial – e cabe ressaltar que o tom quase de alerta empregado pelo narrador de Mann busca endossar o estranhamento que sua história permeada por elementos anacrônicos causaria aos leitores, mesmo em 1924, isto é, apenas dez anos após o deflagrar da guerra. Anuncia igualmente a própria tonalidade da obra, que distancia a percepção cronológica do tempo da percepção subjetiva e qualitativa do tempo. Nos próximos itens, será demonstrado como o *Zeitroman* de Thomas Mann, através da tentativa da abolição do tempo, abre fendas temporais que remetem ao *Ancien Regime*, como expressão tardia da cultura medieval.

2 | DA PIA BATISMAL COMO PERSISTÊNCIA DO ANTIGO REGIME

Expandindo as teses do item anterior, a princípio, é pertinente compreender como Thomas Mann se vale da temática da divergência entre duas amálgamas culturais: a da alta burguesia e a do mundo artístico e filosófico¹. Necessário se faz compreender a diferença entre os anseios da alta burguesia para a burguesia tardia, assumidamente capitalista, conforme Mayer (1987, p. 284):

[...] [o] anseio [nietzschiano] por um retorno a um passado aristocrático e sua aversão pela democracia invasora de sua época foram partilhados por Thomas Mann e Hugo von Hofmannsthal, cuja nostalgia pelas sensibilidades presumivelmente superiores de uma sociedade cultivada e própria do passado fazia parte de sua reivindicação de um espaço e posições sociais privilegiados no presente. Embora todos fossem de ascendência burguesa ou cidadina, enalteciam valores e posturas ultrapatricios, com isso refletindo e aprofundando a redescoberta e reafirmação dos méritos e necessidades do elitismo.

Apesar de almejem a um passado aristocrático e toda a sua alta cultura, “os nobres fundiários se tornaram pós-feudais, em termos econômicos, ao adotarem métodos capitalistas [...]” e, no entanto, “a nobreza continuou a impregnar as altas esferas da sociedade, da cultura e da política com seu espírito feudal” (MAYER, 1987, p. 19). O historiador discute questões que concerniam diretamente às classes dirigentes, mas se pensarmos em como as ideologias do progresso ficaram abaladas frente ao rápido

¹ Paulo Soethe (2006, p. 33) elucida muito acertadamente essa questão, a partir dos pares “ironia burguesa e romantismo anticapitalista”: Ecoam aqui, de saída, as oposições entre condição burguesa e sensibilidade artística, entre vida e espírito, pares permanentes no universo reflexivo de Mann. E a antítese não se dá apenas entre os pares *ironia burguesa*, de um lado, e *romantismo anticapitalista*, de outro, mas dentro de cada um deles: *ironia burguesa* é sobretudo auto-ironia e corrói por dentro a boa-consciência do mundo burguês; e *romantismo anticapitalista*, ao contrário da impressão inicial de refúgio no universo estético, aponta antes para uma forma efetiva de confrontação do artista com as contingências sociopolíticas e econômicas da realidade imediata.

desenvolvimento tecnológico, por um lado, e a prevalência da antiga ordem, de outro, compreenderemos em que sentido Fredric Jameson explica a percepção acentuada do tempo por parte de escritores e intelectuais da alta modernidade.

Quero conjecturar que os protagonistas daquelas revoluções estéticas foram os povos que ainda viviam simultaneamente em dois mundos distintos; nascidos naquelas vilas rurais que por vezes ainda caracterizamos como medievais ou pré-modernas, eles desenvolveram suas vocações nas novas aglomerações urbanas, com seus radicalmente distintos e “modernos” espaços e temporalidades. *A sensibilidade para o tempo profundo nos modernos registra, assim, esta percepção comparativa das duas temporalidades sócio-econômicas, que os primeiros modernistas tiveram que negociar em suas próprias experiências vividas* (JAMESON, 2011b, p. 191, grifo nosso).

O crítico norte-americano não se fundamenta em concepções filosóficas clássicas sobre o tempo, nem teoriza acerca da temporalidade em si, mas antes busca salientar as contradições que moldaram a forma de se compreender a modernidade. A contraposição entre pelo menos duas temporalidades pode ser entendida pela dessemelhança entre os centros urbanos (com a rápida expansão do capitalismo industrial e abertura de monopólios) e as províncias (com seus resquícios feudais). Se o imaginário do século XIX era inundado pela ideia de progresso tecnológico e por seu esperado melhoramento da sociedade como um todo, as forças do Antigo Regime mostraram-se fortes o suficiente para atravancar a ideia de compasso entre o avanço industrial e seu conseqüente modo de vida.

Como dito anteriormente, Thomas Mann dedicou-se a essa dualidade em muitas de suas obras. Cabe-nos entender em que sentido essa temática está presente em *A montanha mágica*, observando como a narrativa romanesca desenvolve simultaneamente uma representação temporal vinculada ao Antigo Regime e à modernidade industrial nos primeiros anos do século XX. Antes, em *Os Buddenbrook* (1901), essa questão já aparecia no relato da decadência progressiva de quatro gerações de uma família da alta burguesia, pois a saga está permeada por questões morais que se chocam com o rigorismo do ambiente burguês. Em outras obras, como nas novelas *Tônio Kröger* (1903) e *A morte em Veneza* (1912), o conflito centra-se no âmbito artístico, cujo *romantismo anticapitalista* tenciona Kröger e Aschenbach a buscarem liberdade num mundo ideal. Em *A montanha mágica*, Thomas Mann não se ocupa mais de uma família em específico, nem de experiências individuais de artistas; a montanha de Davos une uma elite em grande parte europeia, mas que abarca mexicanos, egípcios, entre outros.

Os pensionistas, bem como Hans Castorp, não são todos típicos e estão reunidos na montanha por um motivo mais complexo. O *feitiço* e o fascínio² que os prende lá vincula-se-ia à capacidade que o ar tranquilo e rarefeito da montanha tem de “transformar, num só golpe, um pedante ou um burguesote numa espécie de vagabundo. Dizem que o tempo

² *A montanha mágica*, no original em alemão, *Der Zauberberg*, no qual a palavra *Zauber* designa não apenas feitiço ou magia, como também encanto e fascínio. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/escolar-alemao/busca/alemao-portugues/Zauber/> Acesso em: 5 jan. 2019.

é como o rio Lete; mas também o ar de paragens longínquas representa uma poção semelhante, e seu efeito, conquanto menos radical, é mais rápido” (MANN, 2016, p. 14). Metaforicamente, o narrador remete ao mítico rio Lete para sugerir que aqueles que se deslocam para a montanha acabam se esquecendo de suas origens e, por consequência, acabam alheios do resto do mundo.

De início, o narrador de *A montanha mágica* afirma o caráter de antiguidade de sua história, para, em seguida, focar em seu herói arquetípico, o jovem e singelo Hans Castorp. A personagem é apresentada em sua ida à montanha a fim de visitar o primo, Joachim Ziemssen, internado com diagnóstico de tuberculose. Embora essa seja a tarefa inicial do herói, nota-se que o narrador vai gerando rupturas na ação dramática, buscando um registro que visa a expandir a percepção do leitor a respeito do caráter da personagem, emoldurando-a em uma paisagem genealógica, na qual Hans insere-se como um ponto em um processo de continuidade em face de uma tradição familiar.

Assim, quando a personagem sobe a montanha, passando a conviver com os “lá de cima”, eis que o narrador, esse mago que evoca o passado, suspende o tempo presente e regressa à tenra infância de seu herói. Hans Castorp ficara órfão de pai e mãe muito cedo, assim, como posteriormente fica de seu avô, Hans Lorenz Castorp. O velho Castorp deixara uma quantia de dinheiro bastante substancial para o menino, “[...] uns quatrocentos mil marcos: a herança de Hans Castorp. O côsul Tienappel aplicou-os em valores seguros [...]” (MANN, 2016, p. 40 – 41). E outra herança da parte de seu avô ainda lhe é concedida, precedente à residência dos Tienappel e sua aplicação em juros seguros. Observemos como o narrador nos apresenta essa figura central para Hans Castorp.

No que se referia a assuntos públicos, muito antes do traspasse de Hans Lorenz Castorp o tempo já atropelara sua maneira de ser e pensar. Fora homem profundamente cristão, membro da Igreja Reformada, de opiniões tradicionalistas, e empenhava-se com tamanha tenacidade por manter aristocraticamente restrito o círculo social apto a ascender ao governo que parecia viver no século XIV, tempo em que as corporações de artesãos da cidade, vencendo a encarniçada resistência do patriciado livre, conquistaram o direito de voto e assento no Conselho Municipal. O velho sentia grande dificuldade em adaptar-se a inovações. [...] (MANN, 2016, p. 35).

Suas ideias políticas enquanto senador vão ao encontro das “classes governantes, em que o elemento feudal se manteve particularmente evidente, estavam de todo imbuídas de valores e atitudes nobiliárquicas. Sua concepção de mundo era consoante com uma sociedade autoritária e hierárquica em vez de liberal e democrática” (MAYER, 1987, p. 24). Além de suas ideais políticas, retrógrada é a maneira como é descrito seu gabinete, suas vestimentas e sua comunicação com o mordomo em baixo-alemão. “Trazia à lembrança de quem o contemplasse quadros espanhóis ou holandeses do fim da Idade Média” (MANN, 2016, p. 37).

Quando criança, Hans achava que a figura mais representativa de seu avô era uma

pintura na qual estava trajado em roupas arcaicas e incomuns para um cortejo solene do palácio da municipalidade. Intui-se, dessa forma, que Hans tenha sido batizado com as águas do Antigo Regime, e a força da figura tradicional de seu avô possibilitará que nos Alpes suíços o jovem desenvolva suas propensões latentes. Uma vez que o jovem protagonista fica hospedado em um ambiente internacional, está sujeito a encontrar pensionistas com os mais diversos hábitos, e é muito significativo seu desconforto com a liberdade comportamental da russa Clawdia Chauchat, sua futura amada, que bate as portas ao adentrar no salão de refeições, além de roer as unhas em público. Posteriormente, sua obsessão por prestar condolências aos moribundos demonstra como sua consciência burguesa não pode deixar essa cerimônia, que para o jovem o aproximava da solenidade: “quase tive vontade de ser pastor, por gosto pelas coisas tristes e edificantes...” (MANN, 2016, p. 216).

Demonstramos até agora a influência cultural que Hans Lorenz Castorp teve sobre seu neto, Hans Castorp, mas se alargarmos a discussão sobre a própria existência do sanatório internacional Berghof e a condição de seus pensionistas, compreenderemos uma das maiores antinomias da obra, que a aproxima da mentalidade e da conjuntura material do Antigo Regime. O tio-avô de Hans, o cônsul Tienappel, ajuda-o a aplicar sua herança de quatrocentos mil marcos em valores seguros, “cobrando no início de cada trimestre [...] dois por cento de comissão legal sobre os juros vencidos” (MANN, 2016, p. 41). Perto de completar três semanas na atmosfera rarefeita, Hans se exprime da seguinte forma para seu primo Joachim Ziemssen:

— Não é caro, não; é até barato, e você não pode se queixar de ser explorado aqui em cima — disse o visitante ao morador antigo. — Você gasta, em média, uns seiscentos francos por mês com o quarto e a comida, e nisso já está incluído o tratamento médico [...] e com tudo isso você não consegue, nem querendo, ir além de mil francos por mês! Não são sequer oitocentos marcos! O total não chega a dez mil marcos por ano (MANN, 2016, p. 187 – 188).

Assim, explica a seu primo a vantagem de viver no sanatório Berghof, posto que se vive tão bem quanto na planície e ainda se gasta menos, “uma vez que [Hans Castorp] podia considerar-se um homem com renda de dezoito e dezenove mil francos por mês” (MANN, 2016, p. 188). O trabalho de engenheiro naval não foi escolhido por Hans, seu tio sugeriu que, se quisesse manter um alto padrão de vida em Hamburgo, teria de trabalhar, e, no entanto, ao chegar a Davos essa concepção cai por terra, pois ali não é preciso lutar pela sobrevivência quando se pode viver muito mais confortavelmente de rendas que estão se acumulando na planície, sem o esforço de empreender ou trabalhar.

Outras personagens também se mantêm instaladas na montanha por motivos semelhantes. Madame Chauchat vive com as rendas que seu esposo enviava para ela, enquanto trabalha no Cazaquistão; Lodovico Settembrini, de origem e profissão humilde, vive, ainda que modestamente, de recursos deixados para ele; assim como Leo Naphta

que, com o respaldo da ordem dos jesuítas, pode viver muito confortavelmente em seu cômodo forrado de seda; e quando a narrativa se encaminha para o fim, surge a figura excessiva de Mynheer Peeperkorn, o dono de cafezais aposentado. E ainda que se viva assim, a mentalidade nutrida por Hans resume-se em sua clareza quanto à planície: “[...] a gente precisa ter uma casca bem grossa mesmo para concordar por completo com a mentalidade do pessoal lá de baixo, na planície, e com perguntas como ‘Será que ainda tem dinheiro, esse sujeito?’ e com a cara que as acompanha” (MANN, 2016, p. 231).

Em outro momento, enquanto Naphta defendia o cosmopolitismo da Igreja e a supremacia do *Homo Dei*, Hans Castorp presencia seu repúdio ao dinheiro e é justamente este repúdio que caracteriza a maior antinomia de *A montanha mágica*.

—... ele acaba de dizer horrores contra o dinheiro, a alma do Estado, segundo se expressava, e contra a propriedade particular, que tachava de roubo; numa palavra, atacou a riqueza capitalista, a qual, se não me engano, afirmou que era o combustível das chamas do inferno. Parece-me que se serviu dessa expressão. Em altos brados elogiou a condenação medieval do anatocismo. E apesar de tudo isso, ele próprio... O senhor me desculpe, mas ele deve... É uma surpresa e tanto, quando se entra na casa dele. Toda aquela seda... (MANN, 2016, p. 470).

Os discursos tanto de Hans quanto de Naphta visam a rejeição da ganância que se instalara nas sociedades ocidentais desde a Idade Média e seus anatocismos; apartados dessa dimensão, ambos buscam demonstrar aversão ao tempo do progresso capitalista, porém, suas existências tranquilas na paisagem longeva devem-se justamente ao acúmulo incessante do capital na planície, não a partir do trabalho produtivo, mas do parasitismo rentista. No que se segue, analisaremos como essa condição material objetiva abre uma fenda temporal que conecta a existência “mágica” da montanha com a Idade Média, o que nos ajudará a compreender a estruturação do tempo em *A montanha mágica*, com o auxílio das interpretações de Benedito Nunes (2013) e Paul Ricoeur (2010).

3 | O TEMPO NÃO PODE MEDIR A ETERNIDADE

Algo muito sutil começa a se passar na cabeça de Hans quando questiona-se “Que é o tempo, afinal?” (MANN, 2016, p. 81):

Percebemos o espaço com os nossos sentidos, por meio da vista e do tato. Muito bem! Mas que órgão possuímos para perceber o tempo? Você pode me responder? Ai você empaca, está vendo? Como é possível medir uma coisa da qual, no fundo, nada sabemos, nada, nem uma de suas características sequer? Dizemos que o tempo passa. Está bem, que passe. Mas para que pudéssemos medi-lo... Espere um pouco! Para que o tempo fosse mensurável, seria preciso que decorresse de um modo *uniforme*; e onde está escrito que é mesmo assim? Para a nossa consciência, não é. (MANN, 2016, p. 82).

Santo Agostinho (354 – 430), no livro XI das *Confissões*, assim como Hans, já tinha

se incomodado com a fácil assimilação do funcionamento do tempo contrariamente à dificuldade de se definir sua natureza. “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei” (AGOSTINHO, 1980, p. 265). Joachim Ziemssen propõe que medir a temperatura é uma forma de mensurar e preencher o tempo, já que seu termômetro só lhe mostra a temperatura do corpo após sete minutos. Hans não pode concordar com a visão simplista de seu primo, sobretudo porque significa identificar o tempo à sua unidade de medida, sem que antes se faça claro o que é *propriamente* o tempo e o que significa medi-lo.

Para alguém que deseja retornar o mais rápido possível à planície, como é o caso de Joachim, que almeja prestar serviços militares, a instituição de Davos faz pouco caso do tempo vital dos pacientes, pois “três semanas são para eles como um dia [...]” (MANN, 2016, p. 17). Evidentemente, três semanas têm sempre a mesma duração, tanto na planície quanto na montanha, e o erro no qual incorre Joachim é não compreender que a alteração dá-se subjetivamente, isto é, na percepção dos habitantes do sanatório.

Posteriormente, quando Hans é oficialmente admitido como um dos pacientes, no subcapítulo intitulado “Sopa eterna e clareza repentina”, vemos como essa experiência é significativa para mudar as concepções dos que decidem a se aventurar pelos Alpes. A rotina hospitalar, à qual todos os pensionistas estão submetidos, consiste em cinco refeições intermediadas por repousos, assim como quem acaba de ingressar como doente tem de se alimentar de sopas. A regularidade desses pequenos acontecimentos, em longo prazo, cria uma alteração na percepção temporal dos submetidos ao tratamento.

Trazem a sopa até você na hora do almoço, assim como a trouxeram ontem e a trarão amanhã. E ao mesmo tempo você se sente presa de uma sensação singular que vem não se sabe de onde nem por quê: você se vê invadido por uma espécie de vertigem, enquanto a sopa se aproxima; *os tempos confundem-se, misturam-se no seu espírito, e o que se revela a você como verdadeira forma da existência é um presente sem extensão, no qual lhe trazem a sopa eternamente* (MANN, 2016, p. 214, grifo nosso).

O tempo marcado pelos pequenos eventos repetitivos adquire um caráter cíclico, oposto ao tempo cronológico do progresso. Settembrini já advertira Hans e os leitores: “[...] aqui existe muita coisa que ‘parece medieval’ [...]” (MANN, 2016, p. 76). A ascendência aristocrática da enfermeira-chefe, Adriática Von Mylendonk, é só um dos primeiros elementos medievais a aparecer na narrativa. Um presente sem extensão ou um *nunc stans*³ é explicado posteriormente pelo próprio narrador de *A montanha mágica*. “Os sábios da Idade Média afirmavam que o tempo era uma ilusão, que seu curso, entre causa e efeito,

3 Menaldo Augusto da Silva Rodrigues (2008, p. 66) explica que: “Quando o romancista fala aqui [...] desse ‘stehendes Jetzt’, traduzido por Hebert Caro como ‘presente parado’, ele está se referindo à expressão latina ‘nunc stans’, com a qual os teólogos escolásticos da alta Idade Média Alberto Magno (aprox.. 1200-1280) e Tomás de Aquino (aprox.. 1225-1274) denominavam Eternidade”. Posteriormente, Menaldo analisa a influência indireta da expressão sobre Thomas Mann, visto que o mesmo conheceu a expressão através da obra de Arthur Schopenhauer. Neste trabalho buscamos aproximar a concepção de tempo somente à escolástica e não à filosofia schopenhaueriana.

não passava do produto de um dispositivo dos nossos sentidos, e que o verdadeiro ser das coisas era um presente imutável” (MANN, 2016, p. 629). No livro XI das *Confissões*, Santo Agostinho reflete justamente sobre a percepção do tempo.

De que modo existem aqueles dois tempos — o passado e o futuro — se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? (AGOSTINHO, 1980, p. 265).

Para Agostinho, ontologicamente o tempo não existe, e a maneira convencional de entendê-lo não é o bastante, pois, quando nos referimos ao passado, ele não existe mais; quanto ao futuro, este ainda não existe. E se fosse sempre presente, tratar-se-ia de eternidade, de um presente sem extensão. No entanto, os acontecimentos, para a percepção humana, sempre partem de um referencial presente, dessa forma, “existem, pois, esses três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras” (AGOSTINHO, 1980, p. 270). O que se mensura então? Ainda segundo o filósofo cristão:

Meço a impressão que as coisas gravam [...] à sua passagem, impressão que permanece, ainda depois de elas terem passado. Meço-a a ela enquanto é presente, e não àquelas coisas que se sucederam para a impressão ser produzida. É a essa impressão ou percepção que eu meço, quando meço os tempos. Portanto, ou esta impressão é os tempos ou eu não meço os tempos (AGOSTINHO, 1980, p. 277).

A impressão da sucessão temporal se dá através da tríade: expectativa, atenção e memória. A atenção seria a síntese que liga o passado (memórias) ao futuro (expectativas). Quando o narrador de *A montanha mágica* nos alerta sobre o já comentado caráter de antiguidade de sua história, “[...] ela é muito mais velha que seus anos; sua vetustez não pode ser medida por dias, nem o tempo que sobre ela pesa [...]” (MANN, 2016, p. 11), ele quer acentuar a percepção que se tem da passagem do tempo. E “[...] o pretérito longo outra coisa não é senão a longa lembrança do passado” (AGOSTINHO, 1980, p. 279).

O *Zeitroman* manniano, nesse sentido, está imbuído de longas lembranças do passado, que muito precisamente remetem à estagnação econômica e às tensões que marcaram o início do século XX, ainda carregado de valores e de traços residuais do *Ancien Regime*. Nesse sentido, o presente histórico, apresentado como o limiar da Primeira Grande Guerra, com suas disputas políticas e econômicas imediatas, desdobra-se em uma temporalidade espessa que inclui o passado histórico mais distante, rememorado como vivência.

Como sabemos, o tempo cristão foi desenvolvido a partir da ideia de que este avança

progressivamente até chegar a um fim, a um *telos*. No final do século XIX, as nações europeias identificavam-se com o progresso tecnológico e com o humanismo iluminista. No entanto, o saldo trágico da Primeira Grande Guerra impingiu um duro golpe nos valores positivistas e cientificistas que insistiam na linearidade e irreversibilidade do progresso tecnológico e “espiritual”. Destarte, podemos dizer que:

A modernidade sempre teve algo a ver com a tecnologia (pelo menos, nos “tempos modernos”) e, dessa forma, em última análise, com o progresso. Mas a Primeira Guerra Mundial provocou um choque muito sério nas ideologias de progresso, particularmente aquelas relacionadas com a tecnologia [...] (JAMESON, 2005a, p. 16).

Dos intermináveis duelos travados por Settembrini (o iluminista) e Naphta (o jesuíta medievalista), ambos candidatos a mestre de Hans, depreendem-se discursos que emulam ideologias do pré-guerra europeu. De um lado, o humanista italiano Lodovico Settembrini defende fervorosamente o progresso da humanidade através do trabalho e da expansão tecnológica; por sua vez, Leo Naphta apresenta-se como um tipo bastante único, que une o cosmopolitismo da Igreja ao comunismo, além de defender que só a disciplina e o temor corrigirão o homem e o conduzirão ao caminho da vida coletiva, superior ao individualismo mesquinho da burguesia. Para o alienado Hans Castorp, que passa seus sete anos ocupado com outras questões, pouco interessam os acontecimentos da planície e os rumores da guerra, porém sua capacidade de sintetizar discussões mostra-se eficaz quando compreende que,

[...] um [Settembrini] prega a república universal, internacional, e abomina a guerra por princípio, mas ao mesmo tempo é tão patriota que reclama a todo custo a fronteira do Brenner, ao passo que o outro [Naphta] considera o Estado obra do diabo e decanta a união geral que surge no horizonte, mas no próximo instante defende o direito do instinto natural e zomba das conferências de paz (MANN, 2016, p. 446).

Com suas ideias tão paradoxais, compreendemos o papel *típico* das duas personagens, porta-vozes de ideologias conflitantes, buscando influenciar um jovem mediano, como Hans percebe: “[...] quando vocês estão discutindo... quando brigam pedagogicamente pela minha pobre alma, como Deus e o diabo, pelo homem na Idade Média...” (MANN, 2016, p. 549). E, ainda que Naphta fosse bastante realista para aguentar as fatalidades do que estava por vir, o golpe dos dias que precederam à Grande Guerra o instiga ao suicídio; Settembrini tampouco pôde contribuir para acabar com o sofrimento do mundo. A súplica do narrador no último parágrafo do romance tonaliza todo o sentimento de impotência e pessimismo que se alastraram pela Europa do pós-guerra. E ao mesmo tempo, abre uma possibilidade utópica de reconstituir um valor ético capaz de se sobrepor ao horror.

Momentos houve em que, cheio de pressentimentos e absorto em seu reinar, você viu brotar da morte e da luxúria do corpo um sonho de amor. Será que

também desta festa mundial da morte, e também da perniciosa febre que inflama o céu da noite chuvosa, ainda surgirá o amor? (MANN, 2016, p. 827).

Diante as incertezas e retrocessos causados pela guerra, como pensar em uma concepção de tempo que dê conta de abarcar tamanhas contradições? “Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente” (AGOSTINHO, 1980 p. 263). Nesse sentido, a eternidade só pode ser *forjada* pela narrativa que organiza o tempo e representa, ficcionalmente, a eternidade, que não pode ser mensurada pelo tempo cronológico.

4 | PODE-SE NARRAR O TEMPO, ELE PRÓPRIO, O TEMPO COMO TAL, EM SI MESMO?

O narrador em sua longa digressão, na parte VII do romance, intitulado “Passeio pela praia”, reflete acerca do tempo da música em comparação com o tempo da narrativa.

Uma peça musical denominada *Valsa dos cinco minutos* dura cinco minutos; nisso, e em nada mais, consiste sua relação com o tempo. Uma narrativa, porém, cujo conteúdo temporal abrangesse um lapso de cinco minutos poderia ter duração mil vezes maior, em virtude de uma excepcional meticulosidade no preenchimento desses cinco minutos — e todavia parecer variada e breve, ainda que, em relação a seu tempo imaginário, fosse longa e monotônica (MANN, 2016, p. 623).

O tempo de duração da estadia de Hans Castorp na montanha, como se sabe, é o tempo de duração do próprio romance como um todo, ainda que não seja dito em que ano a história se passa, fica evidente pelo período datado — o período anterior à Primeira Guerra Mundial. Assim, quando o narrador ironicamente vaticina que sua história “decerto não chegará — Deus me livre — a sete anos!” (MANN, 2016, p. 12), depreendemos que Hans parte para Davos em 1907 e completa seus sete anos quando retorna para lutar como soldado na guerra que se inicia em 1914. No que segue, analisaremos como esses setes anos são *elaborados* dentro da narrativa.

A análise de *A montanha mágica* empreendida pelo filósofo francês Paul Ricoeur é, sem dúvida, a mais completa. O autor demonstra como o *Zeitroman* de Thomas Mann é também uma espécie de paródia do *Bildungsroman*, que por sua vez está entrelaçado à ideia romântica de fascínio pela morte e ao destino da cultura europeia. Para seguirmos com a nossa proposição de leitura da representação do tempo como problema histórico, ocupar-nos-emos apenas do que concerne ao *Zeitroman* e à abolição do tempo, a partir dos pares *tempo de narração* e *tempo narrado*⁴.

Como demonstrado na digressão do narrador, o tempo da narrativa é diferente do da música, pois a música existe em sua totalidade temporal, enquanto a narrativa sugere à imaginação que teve um determinado lapso de duração, sem que, no entanto, o texto seja lido no mesmo espaço de tempo. Paul Ricoeur (2010, p. 198) demonstra *quanto* espaço

4 Conceitos originalmente cunhados por Günther Müller, *Erzählzeit e erzählte Zeit*, In: *Morphologische Poetik*, 1968.

os lapsos de tempo ocupam no romance. O primeiro dia de Hans Castorp no sanatório Berghof, bem como as suas primeiras três semanas, consomem muito mais páginas do que os outros dias e semanas, isso se fossemos fazer uma divisão de cada semana inserida nos anos que ele passará sobre a montanha. Os primeiros dias são mais significativos, pois tudo é novo para o jovem e para nós, leitores. A quantidade de páginas despendidas corresponde à percepção que se tem de um ambiente cuja rotina não estamos familiarizados. Esse fenômeno é descrito pelo narrador em “Excurso sobre o sentido do tempo”, segundo subcapítulo da parte IV.

Crê-se em geral que a novidade e o caráter interessante do conteúdo “fazem passar o tempo”, quer dizer, abreviam-no, ao passo que a monotonia e a vacuidade lhe estorvam e retardam o fluxo. Isso não é verdade, senão com certas restrições. Pode ser que a vacuidade e a monotonia alarguem e tornem “tediosos” o momento e a hora; porém, as grandes quantidades de tempo são por elas abreviadas e aceleradas, a ponto de se tornarem um quase nada. Um conteúdo rico e interessante é, por outro lado, capaz de abreviar a hora e até mesmo o dia; mas, considerado sob o ponto de vista do conjunto, confere amplitude, peso e solidez ao curso do tempo, de maneira que os anos ricos em acontecimentos passam muito mais devagar do que aqueles outros, pobres, vazios, leves, que são varridos pelo vento e se vão voando (MANN, 2016, p. 123).

Os primeiros dias no sanatório parecem passar mais devagar que o normal, pois tudo é experimentando pela primeira vez por Hans Castorp. Então, mesmo as pequenas ações — as refeições, os descansos na sacada, os passeios por Davos-Platz, os diálogos, entre outros — são narrados com a minúcia de um curioso, de alguém que está atento a todos os detalhes. Se compararmos esse fenômeno com o que ocorrerá em “Sopa eterna e clareza repentina”, na quinta parte do romance, entenderemos como os dias sempre tão regulares do sanatório criam uma ideia de tempo clínico (cíclico) e esse tempo esvaziado de transformações e indicadores marca a tônica do romance, pois os anos “pobres, vazios, leves são varridos pelo vento e se vão voando” (MANN, 2016, p. 123).

O subcapítulo “Liberdade” é posterior à “Sopa eterna e clareza repentina”, isto é, Hans Castorp após quatro semanas acamado tem a experiência da eternidade, sobre a qual todas as concepções mudam, visto que o jovem passa a olhar a planície com certo desdém, como se faltasse sentido no modo de vida dos condenados à sobrevivência. Dir-se-ia que, conforme os personagens vão se aclimatando ao modo de vida da montanha, a rejeição à planície aumenta, sobretudo no que concerne ao ritmo de vida cronológico.

Por isso, no começo do romance, as partes apresentam muitos subcapítulos, como se o narrador sugerisse que Hans Castorp está vivenciando inúmeras ações, enquanto que no decorrer do romance, a quantidade de subcapítulos diminui, e, no entanto, a quantidade de páginas por subcapítulo aumenta. Essa inversão indica que as experiências após a abolição da percepção cronológica do tempo passam a ser mais significativas, pois Hans finalmente pode se ver livre de seu tio-avô Tienappel e se dedicar a outros interesses.

Quando o narrador alerta sobre a duplicidade da natureza do tempo (MANN, 2016, p. 12), ele está se referindo “precisamente a que, através de todo o romance, confrontará o tempo do calendário e dos relógios com um tempo progressivamente despojado de qualquer caráter mensurável e mesmo de todo interesse pela medida” (RICOEUR, 2010, p. 201).

A contradição entre o tempo cronológico e o tempo de caráter não mensurável pode ser compreendida como Benedito Nunes (2013) propõe, a partir das noções de *tempo físico* e *tempo psicológico*.

A experiência da sucessão dos nossos estados internos leva-nos ao conceito de *tempo psicológico* ou de *tempo vivido*, também chamado de *duração interior*. O primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos. Variável de indivíduo para indivíduo, o *tempo psicológico*, subjetivo e qualitativo, por oposição ao *tempo físico* da Natureza, e no qual a percepção do presente se faz ora em função do passado ora em função de projetos futuros [...] (NUNES, 2013, p. 19).

O autor, ecoando Santo Agostinho, demonstra como as medidas de tempo originárias do movimento físico da terra não correspondem à nossa percepção da passagem do tempo, pois o tempo físico é fixo e contínuo assim como o tempo cronológico, um minuto sempre dura sessenta segundos, mas para a consciência, para a *duração interior* não é assim. Em se tratando do tempo na narrativa especificamente:

Em suma, a história que leva um tempo imaginário breve, cronologicamente delimitado, pode desenvolver-se num discurso longo, em desproporção com aquela, e ainda assim parecer de curta duração. No entanto, para compreendermos essa aparência, bem como o seu inverso, a longa duração de uma história, cronologicamente dilatada dentro de um discurso reduzido, teremos que abandonar o referencial quantitativo da extensão ou do comprimento (longo/curto) pelo qualitativo de *andamento*, que importa em diferença de velocidade (vagaroso ou lento/ célere ou rápido) (NUNES, 2013, p. 32).

Aqui, o autor demonstra como a duração de uma narrativa não tem a ver unicamente com o espaço que ela ocupa (a quantidade de páginas), mas com a própria forma do discurso que emula o seu *andamento*. Dessa forma, quando o narrador de *A montanha mágica* explica o fenômeno dos anos cheios de acontecimentos passarem mais devagar em comparação com os anos vazios, ele está aludindo à própria narrativa, pois quando Hans Castorp chega à montanha de Davos o narrador não para de descrever e apontar acontecimentos novos e quando seu herói já está aclimatado, o que ocorre são repetições das mesmas ações que serão permeadas de diálogos densos, bem como de digressões do narrador.

Pode-se narrar o tempo, ele próprio, o tempo como tal, em si mesmo? Não, de fato não, algo assim seria um arrojado insano! Ante uma narrativa que rezasse:

'O tempo decorria, escoava, seguia seu curso' e assim por diante — não haveria quem, de sã consciência, pudesse chamá-la de narrativa [...] O tempo é o *elemento* da narrativa, assim como é o elemento da vida: está ligado a ela, indissociavelmente, como aos corpos no espaço. Ele também é o elemento da música, que, ao medir e segmentar o tempo, torna-o delicioso e divertido de uma só vez: nesse ponto, como mencionamos, ela se assemelha à narrativa que [...] não se pode apresentar senão sob a forma de uma sequência de fatos, como algo que se desenvolve e necessita do tempo, mesmo que deseje estar toda presente a cada instante que transcorre (MANN, 2016, p. 622).

O tempo, nessa concepção, não existe por si próprio e, portanto, não pode ser narrado. Mas as experiências com o tempo, essas sim podem ser narradas, pois o tempo é o elemento da vida, sobretudo. Thomas Mann através de uma técnica emprestada da música, o *leitmotiv*, buscou *presentificar* os acontecimentos; por exemplo, quando Hans Castorp desenvolve um tique de encostar o queixo no colarinho deve-se à influência longínqua de seu avô; a paixão enigmática por Hippe, o menino russo de olhos puxados, é reencarnada em Clawdia Chauchat; as digressões do narrador sobre o tempo também serão motivos que conduzirão a narrativa. Por exemplo, o enunciado/anunciado sobre o caráter de distensão do tempo, em “Excurso sobre o sentido do tempo”, faz com que o leitor pense em como os primeiros dias foram distendidos em relação aos demais, da mesma forma a abolição do tempo em “Sopa eterna e clareza repentina” se transforma num motivo que se liga aos enunciados do começo e fim do romance.

Na alta Idade Média, demonstramos através das reflexões de Santo Agostinho que o presente era o tempo priorizado, pois quando nos referimos ao passado, dirigimo-nos a ele num presente, da mesma forma o futuro só pode ser imaginado num presente. Tudo que existe, existe num presente, assim *A montanha mágica* busca, de certa forma, o tempo de Deus, um tempo mítico, a eternidade. Na Idade Média, os quadros conhecidos como polípticos representavam vários painéis independentes, mas que estavam subordinados ao mesmo assunto. De certa forma, o romance busca essa estrutura políptica cujo motivo principal é o tempo presente, sem extensão, e todos os outros acontecimentos de alguma forma vão se encaixando na totalidade da narrativa.

Portanto, é de simultaneidade que se trata, ainda que Thomas Mann não tenha sido tão experimentalista como um James Joyce. É possível que pensemos em como Mann conjugou a herança mítica da teologia escolástica com a modernidade industrial, marcada por novas formas de perceber o tempo através de invenções como o trem e o automóvel (deslocamento), o motor elétrico (produção) e o cinema (representação). Acerca disso, Benedito Nunes (2013, p. 49) afirma:

Recolhendo a herança dos mitos em sua estrutura profunda, o romance, capaz de mitificar o tempo real como força anônima do transitório e do mutável, também acompanhou a problematização filosófica dessa categoria. Problema eminente da filosofia desde o fim do século XIX, o confronto e o conflito entre os tempos, principalmente entre o tempo vivido e o tempo

cronológico, acrescentar-se-á à tensão da forma romanesca, porosa ao dinamismo da imagem cinematográfica, mais apta a representar o simultâneo. A desenvoltura temporal do romance cruza-se, nesse ponto, com o tempo cinematográfico.

Quando Hans Castorp e Joachim levam a moribunda Karen Karstedt ao cinema, a descrição feita pelo narrador demonstra que o tempo cinematográfico ainda causava impressão: “[...] uma vida apresentada em pedacinhos, divertida e apressada, cheia de uma inquietação saltitante, nervosa na demora, sempre prestes a se sumir, acompanhada por uma musiquinha que aplicava o compasso do tempo atual à fuga das imagens pertencentes ao passado [...]” (MANN, 2016, p. 364).

À vista disso, *A montanha mágica* amplia a distância entre o tempo de narração e o tempo do narrado a partir da diferença entre o tempo cronológico da planície e, portanto, sucessivo; e o tempo psicológico da montanha, que busca emular uma totalidade do passado e do futuro dentro de um presente parado, suspenso e espesso. Desse modo, o romance escrito logo após a Primeira Grande Guerra compartilha o sentimento modernista de desconfiança do progresso, apontando que, por trás de sua aparente evolução temporal, inscrevem-se resquícios do passado histórico que corroem a ideologia positivista do avanço industrial, tecnológico e espiritual da humanidade (europeia, é claro).

No plano diegético, há um registro cultural figurativizado na vida dos pensionistas que podiam se permitir viver sem se preocuparem com o trabalho, pois herdavam dinheiro ou eram sustentados por suas famílias e, por conseguinte percebiam o tempo de maneira diferente, desvinculada do tempo produtivo da planície. Contudo, esse estar suspenso na vida da montanha, apesar da aparente contraposição ao tempo produtivo, na verdade não revela um estágio superior de nobreza espiritual ou um encontro com a eternidade em uma perspectiva teológica/mágica. Não há um aprendizado romântico na trajetória do herói, daí não se tratar de um *bildungsroman* convencional. Objetivamente, é o próprio capitalismo, enquanto modo de produção capaz de combinar-se com outros sistemas arcaicos, que gera a possibilidade de a fração rentista da elite burguesa perceber-se como uma nobreza que, decadente física e espiritualmente, aguarda o apocalipse iminente, como se fosse um espetáculo, protegido pela quarta parede.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As rápidas transformações ocorridas entre o fim do século XIX e o começo do XX, sem dúvida, alteraram a percepção das sociedades europeias, sobretudo, a dos escritores e intelectuais. O alto teor filosófico do romance de Thomas Mann, de certa forma, traz um registro histórico dos limites ideológicos da Modernidade no limiar da Primeira Guerra, inculcando certo viés irônico nas formulações discursivas, já que não se trata de um romance de formação. À vista disso, a maioria dos trabalhos sobre a representação do tempo em *A montanha mágica* sugere apenas uma interpretação filosófica, alinhadas a discussões

teóricas em torno do romance modernista (Joyce, Woolf, Proust, etc.). Neste trabalho, buscamos através das teses de Arno J. Mayer (1987) e de Fredric Jameson (2005a; 2011b), corroborar a análise que entende a Modernidade a partir de suas contradições, sendo o modernismo a expressão mais aguda de seu processo incompleto, de suas falhas ideológico-discursivas, especialmente quanto ao enaltecimento do progresso técnico.

Thomas Mann captou, portanto, a coexistência de temporalidades diversas, marcando a crise da razão europeia no pré-guerra. A alta burguesia, remanescente da aristocracia rural ou enlaçada com ela, desdenhava a visão liberal sobre a ética do trabalho. Por outro lado, sua existência estava condicionada ao próprio sistema financeiro dos monopólios criados em fins do século XIX, capaz de gerar a possibilidade objetiva do rentismo para os “lá de cima”. O tempo da montanha é o tempo da estagnação cultural e econômica, que abre fendas para se discutir *ad infinitum* contendas morais numa perspectiva medieval ou ilustrada, alienando o sujeito da sua realidade imediata.

Porém, o trovão da Grande Guerra abalou essa realidade, e o horror dos campos de batalha iria destruir as crenças na emancipação humana por meio do progresso, bem como a convicção de que, no romance, um herói pudesse desenvolver um processo de aprendizado a partir do exercício da liberdade individual, ainda que contraposta ao mundo repressor. Na era dos monopólios, o herói do romance modernista torna-se apenas uma peça do mundo reificado, incapaz de entender de fato o que se passa, portanto, incapaz de alterar a ordem das coisas e de atribuir um sentido ao seu destino individual (cf. COUTINHO, 2005). O não aprendizado em face do desastre iminente é o saldo final: “Onde estamos? Que é isso? Aonde nos levou o sonho? Crepúsculo, chuva e barro, rubros clarões de fogo no céu turvo que sem cessar estruge atroadoramente [...]” (MANN, 2016, p. 824).

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 2. ed. Trad. J. Oliveira Santos; A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

CEVASCO, Maria Elisa. “O diferencial da crítica materialista”. In: *Idéias*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 15 – 30, dez. 2013.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Lukács, Proust e Kafka: literatura e sociedade no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HEISE, Eloá. “Thomas Mann: um clássico da modernidade”. In: *Revista Letras*, Curitiba, n.32, p. 239–246, 1990.

JAMESON, Fredric. *Modernidade singular: ensaio sobre a ontologia do presente*. Trad. Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. “O fim da temporalidade”. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 187 – 206, jan./jun. 2011.

MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Trad. Herbert Caro. Revisão técnica de Paulo Soethe. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MAYER, Arno. *A força da tradição: a persistência do antigo regime*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MISKOLCI, Richard. "A montanha mágica, de Thomas Mann – uma concepção política peculiar. Introdução à montanha mágica". *Perspectivas*, São Paulo, v. 19, p. 131 – 142, 1996.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: 2. A configuração do tempo na narrativa de ficção*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. "Reflexões sobre o romance moderno". In: *Texto/Contexto I*, 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 75-97.

RODRIGUES, Menaldo Augusto da Silva. *A representação do tempo no romance Der Zauberberg de Thomas Mann*. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SOETHE, Paulo Astor. "Thomas Mann. Ironia burguesa e romantismo anticapitalista". In: CODATO, Adriano (org.). *Tecendo o presente: oito autores para pensar o século XX*. Curitiba: SESC Paraná, 2006, p. 31 – 49.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegria breve 154, 155, 156, 157, 159, 160, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172

Alheamento à tradição 133

Ana Cristina Cesar 185, 186, 188, 191, 198, 199

A rosa púrpura do Cairo 25, 27, 34, 35, 39, 40, 41, 42

Ativismo 296, 300, 310

C

Cinema 3, 5, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 98, 99, 129, 130, 200

Contaçon de histórias 215, 216

Cotas raciais 261, 263, 264

D

Distanciamento social 291, 292

E

Educaçon musical 261, 262, 264, 265, 270

Emancipaçon 5, 39, 131, 208, 211, 212, 213, 214, 303

Etnomusicologia 261, 262, 270

Existencialismo 154, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 172

F

Formaçon inicial de professores 261, 265

G

Goya 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90

H

História da música brasileira 17, 24

Histórias em quadrinhos 34, 66, 68, 69, 72

HIV/AIDS 300, 304

I

Identidade nacional 1, 4, 18, 174

Instauraçon cênica 240, 242, 244, 246

Interseccionalidade 201, 203, 205, 206

J

Joaquim Nabuco 50, 51, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64

Jogo ficcional 215, 216, 217, 221, 225

José de Alencar 173, 174, 176, 178, 179, 182, 183

Judith Butler 173

L

LGBT 300, 301, 302, 309

Literatura africana 143

Literatura portuguesa 159

M

Machismo 173, 183

Melodrama 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 39, 40, 41, 43

Mia Couto 142, 143, 148

Moçambique 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 148

Monumentos 51, 52, 53, 61, 64, 196, 300, 306, 307, 309

Morte 31, 51, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 104, 119, 125, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 149, 150, 151, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 170, 171, 181, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 209, 225, 226, 288, 304, 305, 308

Mulheres 44, 46, 47, 60, 101, 102, 103, 108, 111, 167, 170, 171, 173, 174, 177, 183, 186, 202, 203, 205, 206, 208, 209, 211, 213, 214, 231, 234, 273, 278, 279, 282, 283, 284, 286, 287, 288, 302, 303

N

Nacionalismo 1, 3, 4, 7, 10, 12, 14, 139

NAMES Project AIDS Memorial Quilt 300, 303, 305, 309

P

Patriarcalismo 173, 212, 213

Percepção visual 66, 78, 79, 88

Período pós-independência 133, 137, 138

Pertencimento 140, 201, 206, 229, 230, 234, 236, 238, 267, 287

Programa de intervenção 247

Psicanálise 44, 49, 114, 220, 238, 240, 241, 242, 246

Psicologia da performance 247, 251, 260

R

Racialização 17, 18, 23

Racismo 24, 202, 204, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 302, 304

Realismo 32, 148, 154, 226

Relações de gênero 173

Renato Almeida 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24

Resistência 3, 101, 102, 103, 104, 106, 114, 120, 136, 138, 174, 181, 232, 235, 236, 240, 242, 246, 275, 278, 302, 310

Romance indianista 173

S

Santo Amaro 50, 51, 53, 55, 57, 58, 61, 63, 64, 65

Simone de Beauvoir 173, 182

Super-heróis 66, 67, 68, 75

U

Ungulani Ba Ka Khosa 133, 134, 138, 139, 140

V

Vergílio Ferreira 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 165, 171, 172

Vida 9, 14, 19, 20, 21, 26, 27, 31, 34, 41, 46, 48, 52, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 76, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 121, 125, 127, 129, 130, 135, 136, 143, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 212, 213, 217, 221, 224, 225, 226, 227, 232, 238, 242, 243, 244, 245, 247, 250, 266, 269, 272, 273, 279, 283, 284, 297, 301, 302, 303, 306, 308

W

Woody Allen 25, 26, 27, 33, 34, 39, 40, 41, 42

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021